



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5924 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

**O JORNAL ESCRÍNIO: UMA FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES E PARA A IMPRENSA FEMINISTA**

Juliana Collares da Silva - UNIPAMPA/CAMPUS JAGUARÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Alessandro Carvalho Bica - UNIPAMPA/CAMPUS JAGUARÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

**O JORNAL ESCRÍNIO: UMA FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES E PARA A IMPRENSA FEMINISTA**

**RESUMO:**

Este artigo é um estudo acerca do jornal “Escrínio” que circulou entre o fim do século XIX e primeiras décadas do século XX no município de Bagé/RS, e tem como enfoque principal compreender este documento como uma potencial fonte para os estudos de História da Educação, História do Feminismo como também no processo de expansão da Imprensa Feminista no sul do Brasil. Este trabalho assentou-se na análise documental em dois exemplares do jornal “Escrínio” que foi abordado sob o prisma da metodologia histórico-crítica. Ponderamos que no transcorrer do processo de análise do jornal verificou-se a efetiva presença de muitas mulheres-professoras na condução, escrita e manutenção da imprensa feminina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrínio; Imprensa Feminista; História da Educação;

Partindo do ponto de que a história foi contada durante muito tempo pelo prisma masculino, o nosso objetivo passa a resgatar as memórias e dar vozes àquelas que historicamente foram silenciadas: as mulheres professoras.

Sobre o trabalho com as fontes em História da Educação e as suas interfaces com o trabalho historiográfico do historiador, Lopes & Galvão (2001: 92 - 93), fazem a seguinte asserção:

[...] O cruzamento e confronto das fontes poderá também ajudar no controle da

subjetividade do pesquisador. Há uma expressão antiga que diz bastante bem do incansável trabalho que se há de ter com o entretecer do problema, com as questões formuladas e a ida às fontes: “*da bigorna à forja, da forja à bigorna*”. (grifos do autor)

Logo, entende-se que o pesquisador/historiador deva criar o seu próprio método analítico ancorado por um arcabouço teórico coerente em relação às suas fontes.

Neste movimento investigativo surgiram as primeiras inquietações: Era um jornal escrito por mulheres para mulheres!? Era um jornal criado por professora(s)?, obviamente se faz necessário aprofundar o conhecimento sobre este jornal, sobre estas mulher(es) e tantas outras que assumiram um protagonismo e dar visibilidade a estas importantes figuras que nem mesmo são conhecidas pelas próprias feministas na atualidade, ou seja, é nosso dever fazer ecoar as vozes dessas mulheres para que não se percam na história e não sejam apagadas do tecido social da memória cotidiana.

Para tanto, este texto ampara-se nos recursos metodológicos da análise documental que foi realizada em dois exemplares do *Escrínio* que se encontram no acervo do Museu Dom Diogo de Souza, na cidade de Bagé-RS e neste sentido, pretendemos investigar de que forma estes documentos dialogavam com o público feminino no final do século XIX e início do século XX.

Um exemplar tem data do ano de 1898 e o segundo, já mais recente em relação ao primeiro, de 1932, quando o jornal que levava o nome *Escrínio*, não mais se encontrava sob o nome de *Andradina de Oliveira*, fundadora do periódico, apresentando já uma configuração diferente do primeiro.

Para darmos início ao debate acerca dos ideais feministas e sua relação com a imprensa, trazemos as palavras de Méndez (2007, p. 271):

Nas últimas décadas do século XIX, o papel social da mulher passou a ser discutido de forma explícita na imprensa brasileira. Nesse contexto, existiu uma organização significativa de parcelas da população feminina que lutava pelo reconhecimento dos direitos básicos da cidadania. Com o crescimento do movimento republicano, tais reivindicações ganharam novo fôlego.

Desta forma percebemos que, em decorrência dos próprios movimentos políticos e da onda de reivindicações feministas principalmente na Europa, mas que se expandiu para as Américas, o surgimento do movimento sufragista e uma maior participação de mulheres na condição de ativistas, podemos considerar o momento como uma alavanca que impulsionou também a participação feminina na imprensa.

Assim, Méndez (2007, p. 271) afirma ainda: “*Desde as últimas décadas do século XIX, registra-se a existência de uma imprensa feminina dedicada a propagar a defesa da educação para as mulheres, o direito ao voto e até mesmo ao divórcio*” (grifo nosso). Logo, inferimos que a imprensa foi um meio para que as mulheres praticassem seu ativismo e militarem por ideais de cunho feminista, em prol da ampliação dos direitos ao sexo feminino.

Gautério (2015, p.131) vai chamar nossa atenção para uma distinção entre o que se chamou de imprensa feminina e imprensa feminista, conforme podemos ver na fala que segue: “a etiqueta acabou por se definir da seguinte forma: “*imprensa feminina é aquela dirigida e pensada por mulheres. A feminista, embora se dirija ao mesmo público, se distingue pelo fato de defender causas*”.

É importante destacar ainda que, as mulheres passaram a se tornar mais ativas na leitura já entre os séculos XVIII e XIX, pois não estava no destino do sexo feminino o mundo das letras, as mulheres não estudavam e quando ingressaram nas escolas, aprendiam a ler e escrever, mas com uma educação com foco especial no preparo de belas donas do lar, mães e esposas.

É somente no século XIX que este quadro passa a se modificar e podemos inferir que foram os rumos políticos e econômicos que impulsionaram a mudança através de oportunidades de estudo e trabalho. É o que Araújo (2008, p. 46) nos aponta:

A partir do século XIX, as mulheres representavam, na Europa, uma parcela substancial e crescente do público leitor de romances. As oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, a alfabetização feminina promoveram novo quadro de leitura para as mulheres. Em comparação às antecessoras, as novas leitoras apresentavam gostos mais mundanos.

Mesmo que inicialmente as leituras fossem os romances, classificados como inferiores porque tratavam de emoções e sentimentos, logo, perfeito para o público feminino, visto como um público frágil e vulnerável ao sentimentalismo, não podemos pensar que não possam ter tido influência e papel importante na formação dessas mulheres. Assim, Araújo (2008, p. 52) nos apresenta uma nova mulher que surge através da leitura e que rumo ao mundo da escrita:

[...] Como leitoras, mostraram-se audazes, burlaram as regras estabelecidas para elas e avançaram, inevitavelmente, para consolidar o crescimento intelectual feminino, de que hoje — nós, mulheres do século XXI — somos testemunhas. Romperam as amarras que as prendiam no mundo restritivo do lar, tornaram-se intelectuais reconhecidas, até mesmo no universo restrito da academia e desfizeram os preconceitos forjados para impedir a mulher de participar, como escritora, do mundo das letras.

Partindo do exposto acima, chegamos ao ponto em que as mulheres ingressam no mundo das letras, agora como escritoras, o que no Brasil vai se dar em torno da década de 1850 e 1860 no quesito imprensa.

A respeito do surgimento da imprensa feminina brasileira, setomarmos como ponto de partida os jornais dirigidos e redigidos somente por mulheres, e direcionados ao público feminino, tradicionalmente o aparecimento do Jornal das Senhoras, que foi lançado em 1852, na cidade do Rio de Janeiro, pela argentina Joana Paula Manso, é considerado o fato inaugural de ação das mulheres na área do jornalismo. (GAUTÉRIO, 2015, p. 133)

Neste cenário, surgem vários jornais voltados ao público feminino e escrito por mulheres. No caso do Rio Grande do Sul, o destaque aqui vai para o jornal “Escrínio-Hebdomadário Literário, Instrutivo e Noticioso”, fundado em 1898 pela professora Andradina de Oliveira, na cidade de Bagé. Andradina se dedicou ao jornal até o ano de 1910, tendo mudado sua sede, ao longo deste período, para as cidades de Rio Grande, Santa Maria e por fim Porto Alegre.

[...] o periódico *Escrínio* que compreende uma parte do conjunto da produção

intelectual de sua fundadora Andradina América de Andrada e Oliveira. Expressão de grande representatividade no cenário social do seu tempo, a escritora gaúcha é uma voz indissociável da imprensa feminina como referência da história cultural e literária das mulheres não só no Rio Grande do Sul, mas também no Brasil. (GAUTÉRIO, 2011, p. 516)

Andradina de Oliveira, era professora formada pela Escola Normal da Província de São Pedro, sendo esta considerada por Louro (1986, p. 163), como “um importante centro para formação feminina do RS”, além de ter atuado como escritora de crônicas, peças de teatro e do romance “O Perdão”. Araújo (2008, p. 113) destaca: “confessa militante em prol dos direitos femininos, aproveitava para denunciar o aprisionamento a que vivia submetida a mulher na esfera privada. Solicitava, também, às leitoras que enviassem material jornalístico, a fim de ser publicado”.

Este fato pode ser constatado no exemplar do *Escrínio* analisado, de 30 de janeiro de 1898. Havia um chamamento para que o público leitor enviasse material a ser publicado no jornal. O jornal *Escrínio*, era um impresso de quatro páginas que informava fatos, continha textos variados, escritos por diferentes autores, incluindo nomes masculinos, além de contar com anúncios em sua última página. A maioria dos textos inclui a temática “Mulher”. Aqui, podemos verificar que os textos escritos sob o título “A Mulher” e que vinham assinados por homens, continham a representação do ser mulher sob a perspectiva da beleza, da virtude, conforme podemos verificar nos trechos que seguem de Ferdinando Martino: “Perfume, incenso, vida da Natura, E tudo quanto exprime a voz – Candura, Defino pelo nome de – MULHER!”, que explora mais a suavidade e delicadeza, bem como o trecho de Victor Hugo: “A mulher é a humanidade, vista pelo seu lado tranquilo; a mulher é o lar é a casa, é – o centro de todos os pensamentos suaves”.

Já no texto de Pedro Antônio de Miranda, embora ele faça menção à beleza que serve de inspiração aos artistas, ele também relaciona a mulher a virtudes que lhe conferem posição considerada de maior importância tais como sabedoria, força, poder, conforme vemos a seguir:

No Olympo, em que os fastos da antiguidade rude fazem assentar os symbolos das virtudes, representam as mulheres o maior número delles: é Minerva figurando a sabedoria e o poder; é Pallas consubstanciando a força e o valor; é Themis caracterizando a justiça e o direito; são as Graças, significando o bello, que servem de emblema ao músico, ao pintor e ao poeta;

Quando vamos à leitura dos textos escritos pelas mulheres, chama atenção o de Leocádia Greco, que já assume uma postura um tanto mais agressiva e repulsiva em relação aos estereótipos socialmente construídos e vinculados à feminilidade, tais como os que reforçam a fragilidade da mulher e seu papel no lar, levando à leitora uma reflexão:

Dizem que a mulher existe para crear seus filhos e cuidar dos arranjos da casa; não sendo necessário ser instruída para ser boa. Sim, diz muito bem quem vê na mulher um automato; Imbecis! Egoístas! Como melhorar as gerações se a mulher vive no obscurantismo? Como desejar um povo que compreenda os deveres de cidadão se a mulher os ignora?

É perceptível, ao lermos estas palavras, que naquele contexto histórico haviam, de fato, mulheres que estavam refletindo sobre suas condições e atributos na vida social, e mais que isso, estavam buscando atingir outras mulheres através de seus escritos na imprensa.

Podemos dizer que eram mulheres ousadas por assumir e assinar o pensamento feminista.

Cabe aqui ressaltar ainda a matéria intitulada “O Feminismo”, encontrada na página 3, conforme segue:

O parlamento francez acaba de votar uma lei que autorisa as mulheres a poderem servir de testemunhas nos actos civis. É um pequeno triumpho para a causa da emancipação, mas ainda é bem pouco. Espera-se para breve a votação do eleitorado das mulheres nos tribunaes de commercio, da mulher casada poder livremente dispor de seu salario, da abolição da incapacidade legal da mulher casada e da abolição do artigo do código penal que absolve o marido assassino da adúltera em flagrante delicto. As mulheres também desejam obter das municipalidades uma tarifa minima para as costureiras e outras operarias dos armazens e modas.

A partir do trecho citado, podemos ver, além da influência das discussões ocorridas na Europa, que as mulheres passavam a se mobilizar em diferentes instâncias, na relação familiar, na relação de trabalho, e mais que tudo isso, em relação à forma como gostariam de ser vistas pela sociedade: como seres capazes de tomar suas próprias decisões e fazer as próprias escolhas. Eram mulheres em busca de protagonismo social.

Em relação ao exemplar do jornal *Escrínio* de 05 de junho de 1932, observamos algumas mudanças a começar pelo nome e objetivo que de “*Hebdomadário Literário, Instrutivo e Noticioso*” passam a “*Orgam Sportivo, Literário e Recreativo*”, o que sugere que ele não mais tinha o propósito de instruir e noticiar, mas o de entreter, levando-nos a pensar que, por algum motivo, os novos responsáveis, intitulados de Príncipe Silencioso (Redator), Fernando Coutinho (Diretor) e Princeza das Selvas (Gerente) acreditavam ser mais importante estimular o entretenimento do que noticiar fatos que empoderassem seu público. Seria o seu Príncipe Silencioso um redator que silenciava vozes? Estaria ele a serviço do pensamento que tomava conta do país diante do movimentado contexto político dos anos de 1930 no Brasil?

O *Escrínio* de 05 de junho de 1932 continha prosas e versos, trovas, declarações de amor, felicitações de aniversário, anúncio de quermesses. Trazia, da mesma forma que o de 1898, temática e título “*A Mulher*”, porém essa mulher voltava àquela relacionada à beleza, à suavidade e divindade, não sendo possível identificar textos que abordassem conquistas de direitos ao público feminino. É o que podemos identificar em trechos assinados por O. B.:

Na mulher, todas as perfeições da vida universal se contam. Quando menina, ainda pequenina. Já a mulher tem a graça divina, diliculo da belleza, que deixa adivinhar na claridade indecisa da madrugada o esplendor do dia que não tarda. [...] Depois é outomno, razão bendita, em que a mulher e quarenta annos tem a formosura suave e melancholica d’essas tardes longas...

Outro ponto importante desse exemplar de 1932 é que ele diz que “não se aceita sessões livres, artigos políticos, e todas as collaborações serão publicadas segundo juízo da redação”. Neste sentido, nos levamos a pensar que o jornal pode ter sofrido mudanças devido a diversos fatores como pelo fato de passar a ser dirigido por homens, o que dificultou para que estes tivessem empatia com as causas das mulheres e acabassem por reproduzir os estereótipos da mulher doce, meiga, frágil e dona do lar, o que parecia também conveniente ao sexo masculino. Outro aspecto importante trazido por Bronstein (2008) é o de que a própria imprensa passa por modificações, visto que na década de 1920 surge o Modernismo e com ele novos ideais e uma nova literatura, além do surgimento do rádio em 1928, que pode ter dividido a atenção do público que costumava assinar os jornais e revistas da época e que

passava a entreter-se, na transição para a década de 1930, com as famosas radionovelas, levando a manutenção dos jornais a sucumbir frente a dificuldades conforme sugerem Rocha Neto, Barreto e Carvalho (2017, p.56), ao citar Duarte (2016):

Se era comum os jornais sucumbirem após o segundo ou terceiro ano de vida, vencidos pelas dificuldades inerentes ao empreendimento, outros – muitos outros – tiveram vida longa. Como A Mai de família e Echo das Damas, ambos do Rio de Janeiro, que circularam durante nove anos ininterruptamente, de 1879 a 1888 [...].

Por último, considerando que o jornal *Escrínio* de 1932 destaca que não aceitam artigos políticos, também podemos pensar que a realidade política do país poderia ter influenciado o conteúdo dos jornais, que segundo Bronstein (2008, p.27) passam por tensões, tendo uma imprensa controlada pelo governo através de um Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

A intenção de alojar novamente as mulheres nos lares pressupunha como principal argumento a família e a certeza de sua desagregação se elas continuassem exercendo o trabalho fora do espaço doméstico. Os filhos ficariam abandonados em mãos de serviços ignorantes, a quem pouco importava a formação do caráter infantil. (NICOLETE; ALMEIDA, 2017, p. 214)

Por fim, constatamos que existiram mulheres que buscaram romper com a condição a que estavam expostas, dispostas a transpor as barreiras do aprisionamento no lar e no obscurantismo a que viveram por séculos.

A quiçá de algumas conclusões...

É nítido que o fato de ingressarem nas escolas e no mundo letrado, oportunizou um preparo mais concreto ao rompimento desses paradigmas postos na sociedade, portanto podemos dizer que Andradina de Oliveira e algumas de suas companheiras de Escola Normal, embora tivessem tido uma educação voltada à manutenção das mulheres para o cuidado da família e das crianças, com o cultivo dos padrões morais da época, conseguiram ultrapassar obstáculos e trilhar um caminho de empoderamento feminino através da imprensa, caminho este que partia de lugares como a França, por exemplo, que influenciava muito os costumes das brasileiras, chegando à cidade de Bagé, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

Sabemos que, a respeito do jornal *Escrínio*, é urgente que continuemos a buscar os exemplares ainda existentes – cuidar para que sejam guardados de maneira correta - e desenvolver mais pesquisas para que o conhecimento sobre ele e sua fundadora não se esgote. Além do mais, para elaborar uma teoria mais concreta a respeito do porquê o jornal retorna nos anos 30 com outra composição, se faz necessário o levantamento de mais jornais desta época para que possamos, a partir daí, chegar a uma análise mais assertiva.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. **Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Ignez Sabino e Délia**. 2008. 284f. Tese (Doutorado em Letras)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRONSTEIN, Michelle Muniz. **Consumo e adolescência: um estudo sobre as revistas femininas brasileiras**. 2008. 112f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. A imprensa feminina sul-rio-grandense como produto cultural da história das mulheres. In: IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 2011, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 516- 525.

GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. **Escrínio, Andradina de Oliveira e Sociedade(s): entrelaços de um legado feminista**. 2015. 391 f. Tese (Doutorado em Literatura)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

LOPES, Eliane Marta Teixeira & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (Coleção O que você precisa saber sobre)

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e Antiprendas: uma história da educação feminina no Rio Grande do Sul**. 1986. 273 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. Feminismo, imprensa e poder no Brasil contemporâneo. **Métis: História e Cultura**, v. 6, n. 12, p. 269-288, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/848/604>. Acesso em 23/04/2020.

NICOLETE, Jamilly Nicácio. ALMEIDA, Jane Soares de. Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940). **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, p. 203-220, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe.2/0104-4060-er-02-00203.pdf>. Acesso em 23/05/2020

ROCHA NETO, Manoel Pereira da; BARRETO, Laís Karla da Silva; CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. História e imprensa: reconstituindo práticas de mulheres e empreendedoras na imprensa do interior potiguar. **Cadernos do CEOM** “História e Imprensa”, v. 30, n. 47, Dez/2017. p. 55- 64. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/3788/2315>. Acesso em

